

**GT 8. Marx e marxismos latino-americanos**

A tradição dos oprimidos e as lutas sociais na América Latina: a atualidade de Walter Benjamin

Fabio Mascaro Querido*

Progresso e temporalidade abstrata na modernidade capitalista

Sob o capitalismo, a universalização da forma-mercadoria coincide com o processo de abstração do trabalho, que é mensurado e igualado formalmente conforme os imperativos da acumulação de capital – condição indispensável para o estabelecimento da troca mercantil. “A universalização da forma-mercantil condiciona tanto sob o aspecto objetivo quanto sob o subjetivo, uma abstração do trabalho humano que se objetiva nas mercadorias” (LUKÁCS, 2003, p.200). Desde então, a igualdade e a equivalência formal entre as diversas formas concretas de trabalho tornam-se um pressuposto absolutamente necessário para a expressão e a realização do valor no mercado. A generalização do trabalho abstrato e da produção formalmente universal de valor de troca contribui decisivamente para a comparação e a troca das mercadorias no processo de distribuição e consumo (GOLDMANN, 1967, p.116).

A separação radical entre a atividade mecânica realizada pelos trabalhadores e o comando global da atividade produtiva estabelece, além

* Mestrando em Sociologia, UNESP – Araraquara. Bolsista FAPESP. Autor de artigos e resenhas nas revistas Lutas Sociais, Margem Esquerda, Herramienta (Argentina), dentre outras. End. eletrônico: fabiomascaro@yahoo.com.br

disso, a necessidade de uma “racionalização” abstrata do tempo, ou seja, de uma mecanização quantitativa da temporalidade, cuja autonomia aparente impõe-se aos homens como algo que lhe é exterior (TISCHLER, 2004). A elaboração de uma nova temporalidade, assentada no “tempo do relógio”, era “uma das mais urgentes dentre as novas necessidades que o capitalismo industrial exigia para impulsionar o seu avanço” (THOMPSON, 2005, p.279). A necessidade de mensuração abstrata do trabalho humano, imposta pela universalização da forma-mercadoria, impulsionou um processo de “racionalização” abstrata da temporalidade: o predomínio do trabalho abstrato subordina o trabalho ao tempo homogêneo, que se transforma, por sua vez, ao longo da reprodução global do capital, na “síntese social” destas formas de “abstração reais”: o dinheiro, que aparece agora como *a mercadoria universal segundo a determinação do tempo*, conforme afirmou Marx nos *Grundrisse* (Cf. BENSÂID, 1999, p.122). O tempo torna-se, então, a medida e a substância do valor: como *tempo de trabalho socialmente necessário*, ele se torna a medida comum formal e abstrata da produção e circulação do capital.

Não por acaso, sob os imperativos da estrutura mercantil, “abstração relojoeira e abstração monetária caminham junto [...]. O tempo é dinheiro. O dinheiro é tempo. Os tempos capitais tornam-se o tempo do capital”, que se transforma na medida mercantil de qualquer coisa, “a começar pela atividade humana reduzida a uma simples ‘carçaça do tempo’” (BENSÂID, 1999, p.111, 112). Como o trabalho, o tempo torna-se uma mercadoria – um tempo-mercadoria (DEBORD, 1997); ele se torna, assim, um tempo “vazio e homogêneo” – como diria Walter Benjamin – que se impõe abstratamente aos homens, como algo que lhe é *exterior* e frente ao qual ele não pode ter qualquer controle. Em palavras de Lukács (2003: 205):

“O tempo perde, assim, o seu caráter qualitativo, mutável e fluído: ele se fixa num *continuum* delimitado com precisão, quantitativamente mensurável, pleno de ‘coisas’ quantitativamente mensuráveis (os ‘trabalhos realizados’ pelo trabalhador, reificados, mecanicamente objetivados, minuciosamente separados do conjunto da personalidade humana)”.

No capitalismo moderno, como disse Marx em sua polêmica com Proudhon, “o tempo é tudo, o homem não é nada; é quando muito a carçaça do tempo. Já não se levanta o problema da qualidade. A quantidade por si só decide tudo: hora por hora, dia por dia” (MARX, 2001, p.49). Na sociedade capitalista, como uma quantidade mensurável, “todo o tempo deve ser consumido, negociado, *utilizado*” (THOMPSON, 2005, p.298). Acompanhando o desenvolvimento das indústrias e da nova disciplina das máquinas – quando o trabalhador se transforma em um “apêndice das máquinas”, como diria Marx – o tempo transforma-se, ele também, em mais uma das múltiplas modalidades de dominação do capitalismo. Assim, muito além de uma objetividade reificada restrita à esfera da produção – em que a

mercadoria produzida aparece ao produtor como algo que lhe é “estranho”, como uma objetividade de aparência independente -, a estrutura mercantil incide sobre o conjunto da vida social, remodelando-a “à sua própria imagem” (LUKÁCS, 2003, p.196). A reificação alcança todas as esferas da realidade social sob o capitalismo, transformando o ritmo da produção e da circulação de mercadorias e de capital na temporalidade que define a vida social em sua totalidade.

Para Walter Benjamin, a dominação desta temporalidade abstrata é um dos fundamentos básicos da constituição de um “discurso filosófico” do progresso, que legitima o presente como o resultado *historicamente necessário* da *evolução* do passado. O fetichismo da mercadoria desdobra-se, assim, no fetichismo do conceito, cuja *sistematicidade* almeja determinar através de um ato meramente teórico e conceitual, a racionalidade da história, esgotando-a em modelos supra-históricos, abstratos e lineares. O tempo, aqui, como o tempo abstrato da valorização do capital, é tão-apesas a medida formal que confere legitimidade ao progresso “necessário”. Como diz Walter Benjamin na XIII tese sobre o conceito de história, “a representação de um progresso do gênero humano na história é inseparável da representação do avanço dessa história percorrendo um tempo homogêneo e vazio”¹.

A temporalidade abstrata e homogênea do “progresso” constitui, portanto, uma forma de racionalização da ordem estabelecida, a cujas perspectivas está entregue, de agora em diante, o progresso da humanidade. Exatamente por isso, a ruptura com a temporalidade linear do *continuum* histórico “oficial”, e a construção de outra concepção do tempo e da história – a partir da memória coletiva da *tradição dos oprimidos* -, constituem, ainda hoje, uma dimensão fundamental dos processos de resistência prática e teórica das classes subalternas à dominação do capital e do fetichismo do progresso. Na América Latina, mais ainda, a subversão da temporalidade “vazia e homogênea” das ideologias do progresso possibilita estabelecer uma “constelação” entre as revoltas indígenas e populares do passado e do presente, como comprovam movimentos sociais como o zapatismo de Chiapas. Partindo desta perspectiva, o objetivo deste trabalho é acentuar a importância e a atualidade latino-americana de Walter Benjamin para a construção de uma memória coletiva e de uma subjetividade revolucionária das classes subalternas, na contramão da temporalidade abstrata do

1 As Teses sobre o conceito de história foram redigidas por Walter Benjamin em 1940, meses antes do seu suicídio, na fronteira da França com a Espanha. Estimulada diretamente pelo pacto germânico-soviético, pela eclosão da Segunda Guerra e pela ocupação nazista da Europa, o documento é portador, no entanto, como destaca Michael Löwy, de “um significado que supera, de longe, a constelação trágica que o fez nascer”, colocando questões relativas a toda a história moderna (LÖWY, 2005, p.35).

progresso, que vê no passado tão-somente a prefiguração de um presente agora absoluto².

Memória coletiva e lutas sociais na contramão da temporalidade abstrata do progresso

Em vários dos seus textos, principalmente (mas não só) aqueles em que o autor está mais próximo do marxismo, como o projeto das *Passagens* ou as *Teses sobre o conceito de história*, dentre outros, Walter Benjamin destacou a necessidade de uma crítica radical das ideologias do progresso abstrato, crítica cuja conseqüência mais importante é a constituição de uma outra forma de relação com o passado e com as tradições dos vencidos e oprimidos da história.

Da perspectiva do filósofo alemão, o passado não deve ser compreendido como uma objetividade petrificada, que confirma a veracidade da história dos vencedores do presente; antes, ele permanece aberto, e sua rememoração vincula-se à capacidade das classes subalternas do presente de resgatar “a contrapelo” a tradição dos oprimidos e dos “ancestrais escravizados” (Tese XII). Para Walter Benjamin, “os dominantes do presente são os herdeiros de todos os que, algum dia, venceram. [...] Todo aquele que, até hoje, obteve a vitória, marcha junto no cortejo de triunfo que conduz os dominantes de hoje a marcharem por cima dos que, hoje, jazem por terra” (BENJAMIN, 2005, p.70). Em conseqüência, tal como o presente, o passado também é um terreno fundamental da luta de classes: a rememoração histórica das lutas das classes subalternas do passado constitui um aspecto decisivo do enfrentamento teórico e prático contra a objetividade reificada da história dos vencedores, transmitida pela herança dos “bens culturais” da humanidade³.

Por isso, para o filósofo alemão, a *tarefa* por excelência do materialista histórico é *escovar a história a contrapelo*, subvertendo a partir do presente a racionalidade contemplativa das narrativas do progresso, cujos representantes se “identificam afetivamente” com as classes dominantes, como ele diz na VII tese sobre o conceito de história (BENJAMIN, 2005,

2 Em um artigo publicado na Revista Lutas Sociais (em português) e na Revista Herramienta (em espanhol), buscamos destacar a importância e a atualidade de Walter Benjamin para a construção contemporânea de uma perspectiva marxista-ecológica, ou melhor, eco-socialista. Cf. QUERIDO, 2009, 2010.

3 “Nunca há um documento de cultura que não seja, ao mesmo tempo, um documento da barbárie”, diz Benjamin (2005, p.70) na VII tese. Com esta afirmação, o filósofo alemão acena para uma concepção dialética da cultura, conclamando o materialismo histórico a desconfiar dos pretensos “tesouros culturais” da humanidade; para ele, estes “tesouros” não são mais do que “restos mortais provocados pelos vencedores na procissão triunfal, despojos que tem por função confirmar, ilustrar e validar a superioridade dos poderosos”. A tal respeito, Cf. LÖWY, 1994.

p.70). O recurso às tradições revolucionárias dos vencidos do passado possibilita uma “quebra” da continuidade histórica dos vencedores: não mais um progresso que percorre um tempo homogêneo e linear, a história torna-se, então, a história da luta de classes, e, sobretudo, a história da resistência das classes subalternas do passado ao caráter destrutivo do progresso em marcha. Rememorado, o passado é introduzido no presente, de tal forma que a emancipação do agora manifesta uma dupla libertação: dos vencidos do passado e do presente.

É nesse sentido que, segundo Walter Benjamin, o presente “atualiza” o passado, arrancando a tradição do conformismo que dela busca se apoderar. Mais do que uma rememoração melancólica e passiva dos sofrimentos vividos pelos vencidos da história, a aproximação com o passado orienta-se pelas lutas das classes subalternas do presente, que buscam ainda hoje *realizar as esperanças pretéritas*. Em uma carta à Arnald Ruge, de 1843, Marx ressaltou esta dimensão qualitativa do tempo, destacando a possibilidade de uma relação ativa com o passado; em suas palavras, “no se trata de trazer uma recta del pasado al futuro, sino de realizar las ideas del pasado” (MARX, 1970, p.69). Na temporalidade *revolucionária* das lutas e resistências dos oprimidos, “el presente redime el pasado, el qual se presenta como forma congelada del tiempo em el tiempo abstracto”, pois “solo la redención del pasado permite el rompimiento con la temporalidad abstracta, con el mito del progreso” (TISCHLER, 2004, p.132).

A revolução social apresenta-se, então, como a luta radical contra a subordinação ao tempo linear e abstrato. A “temporalidade messiânica” das revoluções – como dizia Benjamin – enfrenta-se diretamente com o tempo objetivado do capital: ela constitui uma ruptura radical com o tempo homogêneo do progresso. “A sociedade de classes não é o objetivo final do progresso na história, e sim sua interrupção muitas vezes fracassada e finalmente alcançada” (BENJAMIN, 2006a, p.30). Ao quebrar o *continuum* do progresso abstrato, estabelece-se uma relação ativa com o passado, que reaparece como um momento fundamental da redenção revolucionária do presente. Aboli-se, assim, a atitude contemplativa diante das leis objetivas do progresso; “é preciso renunciar à contemplação, característica do historicismo”, diz Benjamin (2000, p.175) no ensaio sobre Eduard Fuchs. Sob a mediação das relações sociais e da luta de classes do presente, as experiências do passado retornam para compor uma “constelação” revolucionária cuja temporalidade da rebelião reúne, além do próprio passado, o presente e o futuro.

A tradição dos oprimidos contra o progresso: a atualidade latino-americana de Walter Benjamin

Na América Latina, em especial, a crítica de Walter Benjamin à temporalidade abstrata do progresso possibilita o resgate e a rememoração de uma fértil tradição dos oprimidos, cujas lutas e sonhos de emancipação assumem hoje uma dimensão ainda mais urgente. “Escovar a contrapelo” a história latino-americana significa acima de tudo um rechaço radical de qualquer identificação afetiva com os vencedores e os “heróis” exaltados nas proclamações oficiais do Quinto Centenário, em 1992: “conquistadores e missionários, e as potências européias que pretendiam levar ‘religião, cultura e civilização aos índios selvagens” (LÖWY, 2008, p.84). Desta perspectiva, os documentos da cultura colonial são considerados ao mesmo tempo como “documentos da barbárie” - como diria Benjamin, na VII tese sobre o conceito de história -, ou seja, como produtos da guerra e da espoliação colonial e imperialista. Nas palavras de Gustavo Gutiérrez - figura expressiva da teologia da libertação -, em um ensaio sobre o Quinto Centenário: “Hay que tener el coraje de leer los hechos a partir del reverso de la historia [...]. La historia escrita a partir del punto de vista del dominador nos há ocultado por mucho tiempo aspectos importantes de la realidad” (apud LÖWY, 2008, p.87).

Subverter desde baixo a história “oficial” da América Latina implica, portanto, a revalorização das raízes indígenas e da memória popular do passado - e do presente - da região, tal como insistiu o verdadeiro fundador do marxismo latino-americano José Carlos Mariátegui⁴. Esta dimensão do passado, silenciada pela história oficial do progresso, reaparece como fonte de inspiração para as lutas do presente. No manifesto “Brasil 500 anos de resistência indígena, negra e popular”, afirma-se claramente a necessidade de uma releitura - a *contrapelo* - da história brasileira e latino-americana: “Nós, povos indígenas, movimento negro, movimentos sociais e entidades articuladas em torno do movimento *Brasil: 500 anos de resistência indígena, negra e popular*, fazemos uma leitura de nossa história a partir de um lugar bem definido: aquele dos que sofreram e lutaram contra a espoliação colonial e a exploração de classes, dos condenados da terra, das periferias das cidades e da história oficial. Não acreditamos em uma história escrita pelas classes dominantes, na qual estas se colocam como protagonistas únicas e vencedoras incontestáveis [...]. Pretendemos, através de nosso movimento, desmistificar a construção da mentira oficial e revelar a verdade histórica

4 A concepção de Mariátegui do tempo e da história aproxima-se significativamente da perspectiva benjaminiana. “Tanto para uno como para otro, la dimensión del pasado posee una carga fundamental. Entendido como lo que está irremediavelmente perdido, como aquello que quedó trunco, el pasado guarda un índice de fe, una potencialidad que irrumpe a la manera de relámpago y que a modo de promesa exigen el presente su redención” (CUESTA, 2009, p.81).

vivida pelos setores indígenas, pelos povos negros escravizados, pelas classes sociais e setores populares explorados e excluídos”⁵.

Nos tempos contemporâneos, movimentos sociais como o EZLN (Exército Zapatista de Libertação Nacional) estabelecem uma relação ativa com as lutas e resistências coletivas do passado ao progresso capitalista na região. Para Sérgio Tischler (2004, p.133), “los zapatistas aleboran sus certezas trabajando em la profundidad del tiempo colectivo, em la continuidad de luchas y resistencias del tiempo colectivo de las que son parte activa. Saben que ellos recobran la continuidad de um tiempo que el Estado mexicano se había esforzado por fragmentar o de codificar como um tiempo muerto, pasado, como identidad del mismo poder”. A memória coletiva das lutas sociais do passado revitaliza a “potência criativa da tradição” (MATAMOROS, 2009, p.259), “atualizando-a” como um elemento profícuo ao questionamento não só do capitalismo atual, senão de toda a narrativa abstrata e formalista do progresso. Na Primeira Declaração da Selva Lacandona, os zapatistas declaram: “hermanos mexicanos, somos producto de 500 años de luchas”⁶. Mais de uma década depois, na Sexta Declaração, de 2005, o movimento reafirma a sua filiação às lutas do passado latino-americano: “queremos decirle a los pueblos latinoamericanos que es para nosotros un orgullo ser una parte de ustedes, aunque sea pequeña. Que bien que nos acordamos cuando hace años también se iluminaba el continente y una luz se llamaba Che Guevara, como antes se llamó Bolívar”⁷.

Do presente, a recusa das “ideologias do progresso” possibilita a elaboração de uma nova visão do passado, na qual as formas de resistência ao caráter destrutivo e desumano do progresso *capitalista* não são mais concebidas como obstáculos efêmeros à marcha infalível da história. Ao contrário. Como bem destaca Hector Alimonda (2007: 81):

Si lo decisivo en los orígenes del capitalismo es la transformación de seres humanos y naturaleza em mercaderías ficticias, las luchas de resistencia contra estos procesos de mercantilización pasan a adquirir una nueva dimensión trascendental. Ya no se trata de resistencias em nombre de la negación del progreso, como pretendió la hegemonia del iluminismo liberal y del marxismo normatizado. Es posible leerlas ahora como formas de resistencia basadas en la defensa de formas tradicionales de organización social para el uso y disposición de los recursos humanos y naturales, frente a los embates de la mercantilización.

5 Disponível em: <http://alainet.org/active/707&lang=es>.

6 Disponível em: <http://www.ezln.org/documentos/1994/199312xx.es.htm>. Acesso em 23/03/2010.

7 Disponível em: <http://enlacezapatista.ezln.org.mx/especiales/2>. Acesso em 23/03/2010.

Nesta perspectiva, a defesa de Walter Benjamin de um marxismo em ruptura com a temporalidade abstrata das ideologias do progresso assume, no contexto latino-americano, uma impressionante atualidade, que corresponde às necessidades do pensamento crítico da região: tão-somente uma análise capaz de subverter a temporalidade abstrata da história oficial é capaz de compreender desde um ponto de vista anticapitalista as especificidades periféricas da América Latina, elo débil do desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo. A própria história das sociedades latino-americanas, cuja evolução revela a face mais perversa do desenvolvimento do capitalismo, desmistifica concretamente o caráter abstrato das ideologias do progresso, comprovando, assim, a necessidade – reivindicada por Benjamin (2006b, p.502) no projeto das *Passagens* – de um “materialismo histórico que aniquilou em si a idéia de progresso”.

No contexto latino-americano, o resgate e a rememoração do passado, mais do que um mero imperativo teórico ou místico, constituem antes uma dimensão fundamental das lutas sociais contemporâneas contra a destrutividade (humana e ecológica) do progresso capitalista. Na II tese sobre o conceito de história, Walter Benjamin (2005, p.48) reafirmou a necessidade de uma rememoração coletiva da tradição dos oprimidos do passado. Em suas palavras, “o passado leva consigo um índice secreto pelo qual ele é remetido à redenção”. Ora, o passado latino-americano, em suas lutas e resistências ao progresso colonialista/imperialista, aguarda ainda hoje uma reparação histórica, cuja realização depende das potencialidades das lutas sociais do presente. Assentando-se neste passado que clama por uma redenção profana, revolucionária, o socialismo latino-americano não pode ser – como defendeu Mariátegui – nem “imitação” nem “cópia” dos modelos (supra) históricos erigidos sob solo europeu, mas sim o resultado de uma “criação heróica”, que se constrói sob a base dos “elementos de socialismo prático” envolvidos nas comunidades indígenas do passado. Para Mariátegui, os mitos e as tradições construídas pelas comunidades indígenas da América Latina revelam as potencialidades revolucionárias inscritas nas experiências sociais do passado e do presente indígena e popular na região.

Eis aí, portanto, algumas das razões que comprovam a importância e a atualidade – sobretudo latino-americana – de Walter Benjamin para a construção de uma memória coletiva e de uma subjetividade revolucionária das classes subalternas, na contramão da temporalidade abstrata do progresso, que vê no passado tão-apenas a prefiguração de um presente agora absoluto. Na obra de Benjamin, a crítica do progresso combina-se com a defesa de uma *reabertura* da história e do passado, cuja rememoração coletiva pode auxiliar as lutas anticapitalistas do presente. Na América Latina, este imperativo é ainda mais decisivo, pois diz respeito às próprias especificidades históricas da região: o passado das resistências indígenas e

populares retorna como prefiguração das lutas atuais contra as novas feições da modernização capitalista. Desta constelação, pode emergir uma nova temporalidade, coletiva e revolucionária, capaz de resgatar e realizar no presente as esperanças do passado, e assim subverter em suas bases o tempo abstrato do mundo do capital. Pois, como disse Benjamin (2005, p.65) na VI tese sobre o conceito de história, “o dom de atear ao passado a centelha da esperança pertence somente àquele historiador que está perpassado pela convicção de que também os mortos não estarão seguros diante do inimigo, se ele for vitorioso. E isso inimigo não tem cessado de vencer”.

Bibliografia

- ALIMONDA, H. La ecología política de Mariátegui. Buscando una herencia en Lima. *En publicacion: Tareas, no. 125*. CELA, Centro de Estudios Latinoamericanos Justo Arosemena: Panamá, 2007.
- BENJAMIN, W. Eduard Fuchs, collectionneur et historien. In: *Oeuvres III*. Paris: Éditions Gallimard, 2000.
- _____. Paris, Capital do século XX. In: *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006a.
- _____. Teoria do Conhecimento, Teoria do Progresso. In: *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006b.
- _____. Teses sobre o conceito da história. In: LÖWY, M. *Alarme de incêndio: uma leitura das teses sobre o conceito de história*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.
- BENSAÏD, D. *Marx intempestivo: grandezas e misérias de uma aventura crítica*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1999.
- CUESTA, Micaela. Modos de leer la historia: José Carlos Mariátegui a la luz de Walter Benjamin. In: FERREYRA, S.; RODRÍGUEZ, E.; MAZZEO, M.; GRECO, M. F.; CUESTA, M.; PELLER, M. *Vigencia de J. C. Mariátegui Ensayos sobre su pensamiento*. Buenos Aires: Editorial Dialektik, 2009. pp.81-100.
- DEBORD, G. *A Sociedade do Espetáculo. Comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Tradução: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: contraponto, 1997.
- GOLDMANN, L. A reificação. In: *Dialética e Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

- LÖWY, M. A Rebrousse-poil. La conception dialectique de la culture dans les thèses de Walter Benjamin (1940). *Les Temps Modernes*. n.575. Juin 1994.
- _____. *Alarme de incêndio: uma leitura das teses sobre o conceito de história*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.
- _____. El punto de vista de los vencidos en la historia de América Latina. Reflexiones metodológicas a partir de Walter Benjamin. In: VEDDA, M. (org.). *Constelaciones dialécticas. Tentativas sobre Walter Benjamin*. Buenos Aires, Herramienta, 2008. pp.81-90.
- LUKÁCS, G. *História e Consciência de Classe*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MARX, Karl. *Los anales franco-alemanes*. Martínez Roça: Barcelona, 1970.
- _____. *Miséria da Filosofia*. São Paulo: Centauro, 2001.
- MATAMOROS PONCE, F. *Memória y utopía en México. Imaginários en la génesis del neozapatismo*. Buenos Aires: Herramienta Ediciones, 2009.
- QUERIDO, F. M. Revolução e (crítica do) progresso: a atualidade eco-socialista de Walter Benjamin. *Lutas Sociais*, São Paulo, n.23, 2009.
- _____. Revolución y (crítica del) progreso: la actualidad ecosocialista de Walter Benjamin. *Herramienta*, Buenos Aires, 2010.
- TISCHLER, S. Tiempo de la reificación y tiempo de la insubordinación. *Herramienta*, Buenos Aires, n.25, 2004.
- _____. Tiempo y emancipación. Mijail Bajtin y Walter Benjamin em la Selva Lacandona. In: VEDDA, M. (org.). *Constelaciones dialécticas. Tentativas sobre Walter Benjamin*. Buenos Aires, Herramienta, 2008. pp.105-144.
- THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Vol.1. A árvore da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial. In: *Costumes em Comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.